

De périplos havidos, céus e mares
 prenhes de quivotas e de luas,
 monótonas auroras tumulares,
 repetidos fantasma de faluas,
 que restou? Os esquilidos manjares
 nas bandejas de bordo, as barbas caras,
 manicuras cantadas pelos bares,
 velhas inglesas, vômito às tubaras,
 contrabando escondido em roupa suja,
 cartões-postais lambidos de lambuja,
 o espanto do rafeiro de vaginas
 que infecta catedrais, arrotas rumbas,
 ri de Picasso, mija em catacumbas
 e esculpe didascálias nas latrinas.
 De périplos havidos, céus e mares.

Posto que em vão te espero e desespero,
 não te arreceies de neqar teu rosto:
 tratarei de viver neste meu posto
 onde morro do amor em que me esmero.
 Bem que bem me faria sobreposto
 abrigo a me abrigar do clima fero
 feito de tua ausência, do desgosto
 do desespero com que em vão te espero.
 Em vão o vão da noite se desdobra,
 fresta de corda que me acorda e dobra
 surdo sino sem som só sempre sina
 de não te haver, silêncio que não ouve
 meu silêncio de sonho que bem houve
 assasinar-me assim, minha assassina.
 Posto que em vão te espero e desespero.

Os nuncas. Esses nuncas que são nada,
 nadas de vida, nadas de alegria,
 são nuncas a bradar a boca fria
 do tempo nunca em sempre disparada.
 Nunca o teu beijo. Nunca será dada
 a glória do teu ventre. Nunca o dia
 de uma só noite nunca terminada
 de amar-te como nunca. Dor vazia
 do passado, meu nunca. E do presente
 o sempre nunca me apunhala; e à frente
 um futuro de nuncas que se junca;
 e do clamor de sempre, nunca eterno,
 primavera, verão, outono, inverno,
 tu, sempre minha, tu, que és minha nunca!
 Os nuncas. Esses nuncas que são nada

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIX, Nº 07 – 2015 JULHO
 Assinatura até 31.12.15: 05 pelos postais
 de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,95).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haiku.sf.nom.br ☀

Como eu gostaria de ser o filho que a senhora pensa e descreve. Com tanta bondade que lhe é característica, somente vê o que de bom fiz (e faço), pondo de lado (ou esquecendo) malcriações e decepções de outrora. Feliz de quem sabe perdoar e valorizar o lado positivo das pessoas. Confesso: tenho muita dificuldade em relevar falhas e dar ênfase às qualidades dos com quem convivo. Ver somente o bem é um dom: bem-aventurança de poucos.

Soleiman Dias, À mãe, de Lições do Outro Lado – II, 2014;
 Dias da Silva/ Soleiman Dias, Coleção Binóculo, RDS Editora.

Guilherme de Figueiredo,
 Grandes sonetos da nossa língua, selecionado e organizado por José Lino Grunewald, Editora Nova Fronteira, 1988.

Foi paga a dívida externa!
 Ninguém rouba no Brasil!
 Faz justiça quem governa!
 – Hoje é primeiro de abril!...

Aloísio Bezerra, 1108
 O Patusco: Caixa Postal 95
 61600-970 – Caucaia/CE

O bruxulear de uma chama
 da vela gasta e mortíça,
 lembra o excluído que clama
 por respeito e por justiça!

Angelica Villela Santos, 0906 Trinos
 do Pitiguari: R.Guanabara 542
 59014-180 – Natal/RN

Não há na História, senão
 um poder discricionário
 que prende quem rouba um pão
 e leva um Santo ao Calvário!

Hermoclydes Siqueira Franco, 0707
 Trovagre: Caixa Postal 181
 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Cantar faz bem a nossa alma
 e ao nosso corpo também
 esquecemos as agruras
 e a alegria logo vem.

Humberto Oriá, 1107 Binóculo
 ivonildodias@secrel.com.br
 jbatista@unifor.br

Busco um mundo onde a saudade
 tenha entrada proibida,
 mas só encontro esta verdade:
 saudade é parte da vida.

Leonilda Hilgenberg Justus, 0007
 Fanal: R. Alvarez Machado 22, 2º
 01501-030 – São Paulo/SP

1. Preencher os haikus que desejar, (veja quigos ao lado, à escolha) num mínimo de folhas **para cada grupo (quando mais de um)**, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço e CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que cheguem seus haikus assim enviados e de **conteúdo abaixo**, serão publicados em nossas Seleções em Folha.

☀ **Paulo Franchetti:** O haicu é menos uma questão de forma do que de atitude. No

Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES! FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!

Até o dia **30.08.15**, quigos Beija-flor, Bem-te-vi, Catavento, Girino, Granizo, Ipê, Névoa, Pipa, Rã.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
 Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
 05010-040 - São Paulo/SP

ou mfmendez@superig.com.br

Por isso não gosto de haikus especiosos, em que a metáfora ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção. Isso é o que acho que o haicu tem de diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

algo novo para a nossa tradição.

Se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haicu do que um erudito, Bashô queria **recuperar** seu olhar num contexto de erudição e de formalidade: quando escreveu que as rãs pulam para dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexão e de investimento simbólico – a um conjunto de atitudes. Seu hocu inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em
SF9810, Seleções em Folha OUT/98.

HAICUS BRASILEIROS



TEMAS DE INVERNO (QUIDAIS)

Nos cipós-escada,
 as araras saltitando,
 encantam os pássaros.
 Ailson Cardoso de Oliveira

Céu de inverno.
 No vazio da noite,
 um piar de coruja.
 Angela Togeiro *Ferreira*

Rainha na mesa
 uma couve-flor inteira:
 tempero excelente!
 Denise Cataldi

No meio da rua
 a ventania não para.
 – Cachecol é moda
 Humberto Del Maestro

Carrapato-pólvora
 picada e coceira forte
 um prurido intenso.
 Manoel A. do Nascimento Jr.

Pedintes de esmolos
 sentam na porta da igreja.
 Dia do Padre.
 Renata Paccola

Casaco e capuz,
 e o vento cortante passa
 sem machucar muito.
 Alba Christina

O broto de trigo
 cresce, alourando o campo.
 Comida na mesa.
 Angelica Villela Santos

Visão deslumbrante
 que a natureza oferece:
 ipê-roxo em flor.
 Djaldia Winter Santos

Lavrador tristonho,
 falta inverno, rio seco,
 poço salvador.
 João Batista Serra

Cipó-escada.
 Suas flores
 e seus degraus.
 Manoel Fernandez

Capim-jaraguá.
 Comicha o pescoço e os braços.
 Carrapato-pólvora.
 Roberto Resende Vilela

Bichinho danado
 sempre a morder o meu pé.
 O carrapatinho.
 Alda Corrêa Mendes Moreira

– *Bença* mamãe
tira o xale da cabeça
 – *Bença* vovó.
 Carlos Roque Barbosa de Jesus

Um cáldio amigo
 aceno ao sabor do vento
 dos brotos de trigo.
 Fernando Soares

De xale passando
 pela rua bem alegre
 a moça bonita.
 Jorge Picanzo Siqueira

Tão tenro e macio
 transforma-se, fortalece
 o broto do trigo.
 Maria App. Picanço Goulart

Paineira sem folhas
 sementes se espalham ao léu
 painas pelo vento.
 Rosângela Aliberti

Rostos bem marcados
 se alegram na data magna:
 – Dia do Colono.
 Amália Marie Gerda

Passeio no campo.
 Carrapato não dá trégua,
 coça... coça...
 Cecy Tupinambá Ulhôa

Carrapato vivo,
 vivos os carrapatinhos.
 Perebas no corpo.
 Fernando Vasconcelos

Luvas coloridas
 bailam na rua vazia
 sob o céu de inverno.
 Lávnia Lacerda

Dia do Colono!
 Nas fazendas do Brasil,
 desconhecimento.
 Neadyr Leme Ganzert

Bruna na cidade
 todos agasalhados
 dia gélido.
 Suely da Silva Mendonça

Na mala de viagem
 a mulher temendo o frio
 leva o cachecol.
 Analice Feitosa de Lima

Chuvisco de inverno:
 mais um cobertor na cama,
 que a noite promete...
 Darly O. Barros

Xale sobre os ombros,
 a veneranda vovó
 dá voltas na praça.
 Flávio Ferreira

Após vila, o campo
 com bandeira brasileira!
 Sol em brotos de trigo.
 Leonilda Hilgenberg Justus

No telhado,
 gato miando
 sob o céu de inverno.
 Neuza Pommer

Dia do Colono
 danças, cantorias trazem
 saudades sem fim.
 Walma da Costa Barros

S O B R É D E A C U R T Í S S I M A

Tania Zagury, O Estado de São Paulo 23.08.15, Caderno Aliás E 2.

DISCIPLINA EM QUE MEDIDA?

Muita liberdade, pouco limite. A falta de disciplina em casa e na escola faz o País assistir a casos como o da estudante gaúcha que se juntou a duas irmãs para espancar uma jovem professora que a contrariou. Rédea curta, rédea solta, rédea nenhuma. Para que lado pende a autoridade? “A insegurança dos pais ao educar ainda persiste, mas cresce o número dos que depreendem que a falta de limites e a superproteção comprometem a formação dos filhos”, diz a filósofa Tania Zagury. Autora de *O Professor Refém*, ela acredita, porém, que o problema tem se agravado

porque, também na escola, essa visão equivocada encontrou espaço. Nem por isso a pesquisadora dá aval a escolas públicas capitaneadas pela Polícia Militar, que têm se espalhado pelo Brasil. “Veremos crescer o quantitativo dos que defenderão a militarização primeiro nas escolas, depois na sociedade.” A saída de emergência, afirma, é devolver a autoridade no ensino a quem de direito: os docentes. E cobrar dos pais menos hesitação no seu papel de geradores de ética. “Hoje, é mais fácil exigir que a instituição mude que botar limite nos filhos.”

SOB RÉDEA CURTÍSSIMA

Pais hesitantes, que preferem exigir que a

escola mude a impor eles mesmos limites aos filhos, são uma das causas da proliferação de colégios públicos militarizados, acredita filósofa.

Muitas pessoas ficam perplexas, outras revoltadas e algumas reagem a favor da decisão de entregar à Polícia Militar a gestão de algumas escolas públicas brasileiras. Tudo começou a partir da ideia do governador Marconi Perillo, que implantou a primeira há poucos anos, em Goiás. Hoje são mais de 90 no País. Em foco: diminuir a indisciplina e os danos ao patrimônio público e melhorar os índices de aprendizagem dos alunos.

Na mesma linha, reportagem do *Fantásti-*

co, da TV Globo, mostrou a proliferação de acampamentos nos Estados Unidos onde crianças e adolescentes insubordinados são internados pelos pais diante do crescente desrespeito dos filhos. Exauridos pelo fracasso de suas tentativas de retomar as rédeas de uma situação em que a autoridade paternal fracassou, optam pela medida como derradeiro recurso contra a marginalização – direção na qual parecem caminhar seus perdidos rebentos. Situação bem próxima à que se encontravam as escolas militarizadas.

Nos dois casos, trata-se de encarar um momento em que família e escola se percebem frente a jovens com quem o

diálogo se mostrou inútil e o desrespeito se tornou a regra. A duração da estada nos acampamentos varia de um fim de semana a até um ano, dependendo da decisão dos coordenadores, quase sempre ex-militares inspirados na própria vivência de obediência sob pressão. Sem qualquer preocupação psicológica, encarregam-se de mostrar aos mimados clientes que ali o regime não é questionável. Mantêm os jovens em tarefas sucessivas, alternando-as com exercícios físicos e pesados, até que caiam na cama e durmam de exaustão. O dia seguinte – e todos os demais – são exatamente assim.

Os coordenadores agem na crença de que os internos precisam de um choque de realidade para compreenderem o que é a vida. No caso brasileiro, trata-se, a meu juízo, das consequências práticas da

'Assim como há os que clamam pela volta da ditadura, crescerá os que pedem uma sociedade militarizada'

adoção de uma ideia que começou a circular em torno dos anos 1970, segundo a qual dar limites ao educar levaria a criança a se tornar reprimida, frustrada e até traumatizada! "A escola é castradora" foi jargão que ouvi à exaustão na minha juventude. Muitos o repetiam, sem nem sequer supor que poderia trazer consequências negativas no futuro. Era expressão simpática aos jovens de então, contemporâneos de um momento em que o conceito de liberdade, interpretado como o "direito de fazer ao que se deseja e quer", era cantado em prosa e verso – influência das teses existencialistas, da revolução estudantil de 1968, da filosofia hippie, da oposição à Guerra do Vietnã.

No Brasil, o problema começou a partir do momento em que as mídias fizeram chegar a todos os cidadãos os conceitos referidos. Por várias razões, esses conceitos acabaram sendo distorcidos ao serem simplificados e descontextualizados, o que

levou boa parte dos pais, assustados e temendo provocar danos emocionais nos filhos, a abandonar o fundamental papel que sempre desempenharam: de socializadores primários e geradores da ética. Afinal, qual o pai saudável mentalmente que, por vontade própria, quer traumatizar o filho?

Assim, acreditando que o diálogo seria instrumento suficiente para que sua prole trilhasse o caminho da cidadania, jogaram pela janela a hierarquia familiar. Em consequência, seus filhos, com muita liberdade e poucos limites, passaram a compreender o mundo como espaço criado para satisfazê-los em seus quereres. E foi assim também que interpretaram os esforços dialógicos de seus hesitantes pais: como licença para fazerem apenas o que lhes aprouvesse. Muitos pais só perceberam quão inadequada foi a forma de educar os filhos quando já era tarde demais. A geração nem-nem que o diga! Dados do IBGE (PNAD 2012) revelaram que o número de jovens de 15 a 29 anos que não estudam nem trabalham chegava à época a 9,6 milhões, ou seja, uma em cada cinco pessoas nessa faixa etária – e nem todos por falta de emprego ou oportunidade de estudo – eis aí o grande problema –, mas por falta de limites e projeto de vida.

A insegurança dos pais ao educar ainda persiste, mas cresce o número dos que depreendem que a falta de limites e a superproteção comprometem a formação dos filhos, com grande prejuízo para suas vidas. Infelizmente, porém, o problema tem se agravado porque, também na escola, essa visão equivocada encontrou espaço. Teorias psicologizantes, aliadas a medidas educacionais equivocadas e outras de caráter meramente político e não comprometidas com o saber, têm dominado o cenário nas últimas décadas. E, assim, jovens indisciplinados e não socializados adentram um ambiente escolar de conveniente impunidade, encontrando, também aí, um lugar para achar de seu. Se ocorre resistência a seus desmandos, remetem-se a seus dominados papais, que, acuados pelos filhos tiranos já crescidos, são pressionados a questionar quaisquer medidas que a escola, mesmo timidamente, tente

implantar para discipliná-los.

Para pais inseguros é mais fácil exigir que a instituição mude que fazê-lo com filhos sem limites. E assim chegamos ao momento atual, em que os professores estão a cada dia com mais dificuldade para exercer o seu papel precioso: ensinar. Em alguns casos têm dificuldades até para preservar a integridade física. E mental. Felizmente não é em todas as escolas, mas a situação é crítica em grande parte da rede pública – e em parte da rede privada. Nesse contexto fica difícil alcançar o que, em educação, chamamos de situação de aprendizagem: um conjunto de condições que precisam existir para que a pessoa – criança, adolescente ou adulto – possa aprender. Segundo estudo da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil é o país em que o professor mais perde tempo de aula acalmando os alunos para poder ensinar (em média 20% de cada aula). Em situação de agressões, chacota, cutucadas e ameaças, não se consegue aprender – nem ensinar. Significa que, na sala de aula regida pelo desmando, o aluno não alcança o nível mínimo de concentração exigido para, por exemplo, ativar a memória de longa duração, essencial para que a aprendizagem não só ocorra, mas permaneça. Sem falar em atenção e motivação, condições que permitem à pessoa se concentrar, pensar e agir a favor da aprendizagem. Não existe milagre em educação. Professor acuado e agredido é professor inibido e atormentado. Aluno que demonstrou desejo de estudar e, por essa razão, é perseguido e maltratado pelos que aprenderam a amar a desordem e a impunidade se recolhe e não aprende.

Se a sociedade não acordar para a realidade dos fatos que aqui tento resumir; se não aprendermos com os erros recentes; se não abolirmos do sistema educacional as medidas inócuas e as deletérias que se tem tomado em educação nas últimas décadas (como a Progressão Continuada e o Sistema de Ciclos, que parece estar acabando, afinal); se, além disso, continuarmos a fingir que liberdade e licenciosidade são a mesma coisa, quando não o são de forma alguma;

se não agirmos com presteza, diante do absurdo em que estão imersas as escolas da rede pública, em breve não teremos mais como reverter o quadro. Surgirão assim, a cada dia, mais e mãos pessoas que, ainda que bem intencionadas, acabarão atraídas para o outro extremo da linha que separa autoridade de autoritarismo.

Sim senhor. Colégio Jardim Guanabara, em Goiás, é uma das escolas estaduais que serão militarizadas

E, assim como vemos nos protestos legítimos das ruas pessoas que se misturam aos que se manifestam contra a desonestidade e a corrupção para clamar pela volta da ditadura, assim também veremos crescer o quantitativo dos que defenderão a militarização primeiro nas escolas, depois na sociedade. Não, não precisamos de escolas militarizadas nem de acampamentos para rebeldes. Precisamos apenas compreender que só há aprendizagem em condições propícias ao aprender; que só teremos docentes de qualidade se lhes dermos condições para atenderem aos seus legítimos anseios de ensinar, porque – ganhem bem ou mal – não os teremos enquanto continuarem apanhando em sala de aula. Nem teremos democracia e igualdade de oportunidades se os jovens crescerem achando que têm todos os direitos, mas se esquivando aos deveres que lhes correspondem. Não existe cidadania quando só se tem direitos.

Devolver a autoridade aos docentes volta a insistir, nada tem a ver com autoritarismo, e sim com o direito que a pessoa que ocupa um cargo precisa ter para alcançar o objetivo a que a instituição se propõe – sem ser confrontada a cada instante, e no mesmo patamar, por quem deseja e promove o impedimento ao direito que o outro e cada um têm de ter. Afinal, igualdade de oportunidades e democracia começam por aí.

E assim, tudo começou. Nos tempos em que os reis mandavam...

Nos tempos em que os reis mandavam, numa noite escura, no início de dezembro, o rei veio à varanda do seu iluminado palácio e reparou que a cidade estava escura como breu.

Chamou o seu primeiro ministro e ordenou-lhe:

– Antes do Natal quero ver a cidade toda

iluminada. Toma lá 500 dinheiros e trata já de resolver o problema.

O primeiro ministro chamou o presidente da câmara e ordenou-lhe:

– O nosso rei quer que a cidade toda iluminada ainda antes do Natal. Toma lá 250 dinheiros e trata imediatamente de resolver o problema.

O presidente da câmara chama o chefe da

polícia e diz-lhe:

– O nosso rei ordenou que puséssemos a cidade toda iluminada para o Natal. Toma lá 100 dinheiros e trata imediatamente de resolver o problema.

O chefe da polícia emite um edital a dizer: "Por ordem do rei em todas as ruas e em todas as casas deve imediatamente ser colocada iluminação de Natal, sob inteira

responsabilidade do morador. Quem não cumprir esta ordem será enforcado".

Uns dias depois o rei veio à varanda e, ao ver a cidade profusamente iluminada, exclamou:

– Que lindo! Abençoado dinheiro que gastei. Valeu a pena.

E foi assim que tudo começou a funcionar...

Publicado pela Internet

Um país que crianças elimina e não ouve o clamor dos esquecidos, onde nunca os humildes são ouvidos e uma elite sem Deus é que domina; que permite um estupro em cada esquina e a certeza da dúvida infeliz onde quem tem razão baixa a serviz e maltratam o negro e a mulher, pode ser o país de quem quiser, mas não é, com certeza, o meu país.

Um país onde as leis são descartáveis por ausência de códigos corretos, com 90 milhões de analfabetos

e multidão maior de miseráveis; um país onde os homens confiáveis não tem voz, não tem vez, nem diretriz, mas corruptos tem voz, tem vez, tem bis e um respaldo de um estímulo incomum; pode ser o país de qualquer um, mas não é, com certeza, meu país.

Um país onde seu índios discrimina e a Ciência e a Arte não respeita; um país que ainda morre de maleita, por atraso geral da Medicina; um país onde a escola não ensina e o hospital não dispõe de Raios X,

João de Almeida Neto, poema feito a pensar no Brasil, mas que senti como se falasse do meu Portugal. Gentileza de Mário Alberto Fernandes

A biologia evolutiva tem poucas pistas sobre os fatos que levaram os ancestrais do ser humano a se tornar bípedes. Mas, da perspectiva da física, a explicação para essa característica única do homem entre os demais primatas pode estar ligada a outro traço especialmente humano: a perda dos pelos.

A ideia de que a perda dos pelos provocou uma pressão seletiva, levando ao bipedalismo, foi concebida pela física Lia Amaral, docente aposentada do Instituto de Física

Fábio Castro, Perda de pelos fez homem ser bípede, diz física: O Estado de São Paulo 29.08.15, Caderno Metrôpole, página A27. Ideia foi concebida por Lia Amaral, docente aposentada do Instituto de Física da USP. Sobre Darwin, leia SF0602, 0603 e SF0903.

Plúσιο disse: "Os igualitaristas dizem que não há diferença entre nobres e plebeus. É verdade?" E Penicor respondeu: "Era uma vez um nobre que falava desdenhosamente

com um estudioso pobre, o qual respondia com cortesia. Tendo isso continuado por algum tempo, o estudioso finalmente observou: 'Parece que vossa nobre linha-

onde o povo da vila só é feliz quando tem água de chuva e luz do sol, pode ser um país do futebol, mas não é, com certeza, o meu país!

Um país que é doente, não se cura, quer ficar sempre no terceiro mundo, que do poço fatal chegou ao fundo sem saber emergir da noite escura; um país que perdeu a compostura atendendo a políticos sutis, que dividem o Brasil em mil brasias para melhor assaltar de ponta a ponta, pode ser um país de faz de conta,

Portugal, 27 de abril de 2007

Mas não é, com certeza, o meu país!

Um país que perdeu a identidade, sepultou o idioma português, aprendeu a falar pornô e inglês aderindo à global vulgaridade; um país que não tem capacidade de saber o que pensa e o que diz e não sabe curar a cicatriz desse povo tão bom, que vive mal, pode ser o país do carnaval, mas não é, com certeza, o meu país!

Portugal, 27 de abril de 2007

A. C. Grayling, Parábolas, Capítulo 1: 18 a 23, de O Bom Livro – Uma bíblia laica: Objetiva, 2011.